

Ano I—N.º 49

11 Julho 1931

Preço 1 Esc.

Reporter.

Semanário das grandes reportagens



Lêr neste número: Se Marrocos se tornasse português?—Os "carros da morte,"—As grandes catástrofes marítimas—REPORTER X em todo o mundo, etc., etc.

reporter

O semanário de maior tiragem e expansão em Portugal

Grande reportagem e critica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sabados e é posto à venda
simultaneamente em todo o pais

Propriedade exclusiva de C. Cal

Director e Editor

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
ROSSIO, 3, 3.º - TELEFONE: 2 5442-LISBOA
End. Telegr.: **REPORTERX - LISBOA**

Delegação no Porto

R. DA FÁBRICA, 11, 2.º - TELEFONE: 4353

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
Bertrand (Irmãos), Ltd.,
Travessa da Condessa do Rio, 27 - Lisboa

TABELA DE PREÇOS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 " " " 25 " —Esc. 22\$50
12 " " " 52 " —Esc. 44\$50

Para as colónias e estrangeira acrescentam os respectivos portes

Pagamento adiantado

NOVELA N.º 24

Quinta-feira, 16
de Julho de 1931

O jardim das flores envenenadas

original de
Reporter X

PRAIA DA COSTA

(Caparica)

A PRAIA DO SOL

Recomendada por todos os srs. Clínicos

Para aluguer de casas, toldos ou barracas
dirigir-se ao **Banheiro**

Tarquinio António Martins

(Profissional Marítimo e bastante conhecedor da Costa de Mar)

Praia da Costa (Caparica)

MUDANÇAS

Rua dos Correios, 28



Responsabilidade por
todos os danos causa-
dos. Pessoal da máxi-
ma confiança e com-
petência. Orça-
mentos grátis.

Telef.
2 1249

Empresa TRANSPORTES BRAGA

Deite fóra todas essas aguas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua
bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.
Constatará que é só

Komol

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa e sem auxílio de ninguém, resti-
tuir a côr natural aos cabelos em **15 minutos**
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guem conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.— Depositário —
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 —
Telefone 2 1415 — Agente no Porto — A.
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

HOMENS E FACTOS DO DIA

JOAQUIM Pita Soares, o português que em Boston, a grande cidade norte-americana, num momento de loucura, cego de ciúmes, matou a namorada a tiro, e que as severas leis yankees haviam condenado à morte, viu finalmente realizada a sua maior aspiração — que consubstanciava os desejos de todos os portugueses —: o Governador do Estado de Massachusetts comutou-lhe, por prisão perpétua, a pena de morte.

Pode dizer-se que não foram vão os grandes esforços dos portugueses, que aboliram dos seus códigos a odiosa pena de morte; pôde afirmar-se, a campanha da imprensa (e o Reporter X foi o que mais se salientou nesse impulso humanitário) triunfou completamente.

Era preciso arrancar dos braços sinistros da morte, que já o enlaçava, um homem que se perdera por amor; era necessário poupar àquela pobre mãe, que já sofria os rudes golpes de perder um filho, trucidado em África, e de assistir à loucura de uma filha, mais este tremendo desgosto.

Triunfou-se. O Reporter X felicita por esse triunfo a alma lusitana, que mais uma vez mostrou quanto era propensa a integrar-se com entusiasmo em todos os movimentos nobres, alevantados. Poupano-se uma vida, que não era positivamente de um assassino, mas de um homem generoso, trabalhador, honrado, que, por um excesso de brio, se deixou arrastar para o abismo.

Do nosso correspondente, sr. Rogério Silva, que há tempos realizou uma sensacional entrevista com o dr. Joseph Linhares, ilustre advogado, patrono do nosso compatriota, recebemos um telegrama interessante, que passamos a reproduzir:

Boston, 2. — Felicito o Reporter X pela sua humanitária campanha em favor do português Pita Soares, que as severas leis americanas haviam condenado à morte. Essa campanha acaba de triunfar plenamente.

O Governador do Estado de Massachusetts

comutou a pena de morte, para pena perpétua.

Visitámos Pita Soares. Quando soube da notícia da comutação chorou copiosamente lágrimas de alegria, e teve para o Reporter X, que foi o seu mais íntimo confidente, comovedoras palavras de reconhecimento, bem como para toda a imprensa e portugueses que por elle se interessaram. Escreveu a sua mãe uma carta que já vai a caminho. É um documento comovedor.

O dr. Joseph Linhares, que procurámos no seu escritório, disse-nos, mal nos avisou:

— As minhas esperanças confirmaram-se. Quando, em Setembro do ano findo, falei para o Reporter X, jornal da minha maior simpatia, disse: «Como é da praxe, entre a imposição da sentença e a sua execução medei-am, pelo menos, dois meses, quero isto dizer que teremos cerca de sessenta dias para trabalhar, a fim de obter a comutação da pena capital para prisão perpétua.» E acrescentei que só altas influências junto do Governador do Estado poderiam obter essa comutação. Como vê, essas influências fizeram-se sentir. Pita Soares deve a vida a Portugal, à sua terra, que não o esqueceu.

Foram estas as palavras do ilustre advogado. — Rogério Silva.

Apraz-nos registar aqui o passado, a vida de Pita Soares até ao momento de loucura que o arremessou para o fundo de uma prisão.

Joaquim Pita Soares pertence a uma honrada família de Darque (Minho). Muito novo, conheceu a orfandade, e aos treze anos, vendo a família na miséria, decidiu arrojadamente emigrar, no intuito de obter em longínquas paragens fundos com que sustentar a família. Foi para Manaus, onde trabalhou pelo officio de trólla. Mas tal profissão não chegava para acudir à miséria da família, e decidiu trocá-la por outra. Fez-se embarcadiço, fazendo viagens entre a América do Sul e do Norte. Ao cabo de seis anos, amealhados uns «cobres», roído de saudades, veio a Portugal visitar a família, comprando uma casinha, onde esta ainda vive.

Conservou-se na terra natal uns dois anos, ao fim dos quais voltou a emigrar, escolhendo a América do Norte para residência. Trabalhou em Filadélfia como mecânico de aviação. Há cerca de sete anos



A direita: a namorada que Pita Soares victimou — A esquerda: a irmã da namorada que foi também atingida, por fatalidade.

enveredou pela carreira comercial, onde obteve mais largos proventos, pois chegou a poupar 2.500 escudos mensais, cujos juros mandava de quando em quando a sua mãe. Foi precisamente quando a sua vida começava a tomar um rumo estável que sobreveio a fatalidade que todos conhecemos.

Que o cativoiro lhe seja o menos amargo possível é o que nos resta, por agora, desejar-lhe.

Visitem a Casa das Balanças, de ROMÃO & COMP.^a Cruzes da Sé, 13-29, onde se encontram as mais perfeitas balanças, as mais sólidas, e que podem ser adquiridas por preços verdadeiramente acessíveis.

**VISADO PELA
COMISSÃO
DE CENSURA**



A família de Pita Soares: — A mãe, as três irmãs (a da esquerda enlouqueceu) e o irmão queimado nas colónias, em 1912, durante uma revolta indígena.

COMO foi que «Al-Kan» abandonou a sua banca de carpinteiro e se lançou na aventura errante de percorrer mundo, de circo em circo, desengonçando-se em palhaçadas inigualáveis? Porcos são os portugueses que se tentaram pela glória litográfica das pistas, e desses poucos, só os que escolheram o género de «clown» é que conseguiram algum brilho, aureola lantejoulada do triunfo, a Califórnia de juntar algum ouro para a velhice. E tanto assim que, entre cinco ou seis grupos de acrobatas que conhecemos — os «Tabordas», o «Trio Coimbra», etc. —, só os «Silvas», os bombeiros portugueses, atingiram a «forma», numa herdade catita do Midi (França), com os seus 500.000 francos de «pé de meia». Em compensação, todos os palhaços como o «Porto», ídolo de Paris, destronador dos Italianos «Fraternelli», rival do francês «Grock», criam fama... com saboreo e doirado proveito. O «Porto» disse-nos uma vez, em Paris, que só os contratos que cumpria, após o espectáculo do circo, andando pelos «cabarets», «caveaux», etc., até madrugada, lhe rendiam perto de 50.000 francos por mês. Mas de todos esses se conhecem as odisséias, a trajetória, o segredo do fracasso ou do triunfo. De «Al-Kan», pelo contrário, tudo se ignora. Foi preciso que a sua vida cabriolasse no Destino, como o seu corpo cabriolava na pista, para que o projecto luminoso do Acaso o revelasse.

A vocação de palhaço

Há 35 anos nasceu, entre a floresta de chaminés do bairro de Alcântara, em Lisboa, António Joaquim Birra. Filho dum carpinteiro, seguiu, sem vocação, o officio paterno, até às «sortes». Vivo, inteligente, ágil, era disputado pelo «high-life» plebeu e proletário das «Sociedades», dos pátios em festa e dos «dias de anosa», porque ninguém como ele improvisava um «music-hall», imitando animais, cantando «couplets» em voga, ou caricaturando «números» do Coliseu. Na época da feira, esbanjava o que ameahava durante o ano, frequentando as barracas espectaculosas, e era infalível no Coliseu, quando os cartazes berravam qualquer «troupe» acrobática. E nos domingos ou noites pacatas, quem o espreitasse, via-o sózinho, na gymnástica dos saltos, ou frente a um espelho gredado, estudando caretas e gafanhunchos. A pretexto de se esquivar ao serviço, obteve do pai licença e metade das economias para fugir; mas elle já tinha fígado a organização de um trio de saltimbancos que o desinquietara para Espanha, onde se estreou, val para 15 anos, no Teatro Manelick, de Vigo, como palhaço, um palhaço sem estilo, de setinetas lantejouladas, mas já com certo neditismo nos processos de fazer rir a multidão.

«Al-Kan», triunfante

O tempo rodou, e ei-lo, em 1922, em Marselha, quando já a categoria dos programas e auto-apodando-se, pela primeira vez, de «Al-Kan». Era preciso estrangeirar o nome, e elle, inteligente mas pouco culto (ou nada...), não encontrou melhor pseudónimo artistico do que o das duas primeiras sílabas do bairro onde nasceu, dando-lhes um sabor oriental — «Al-Kan». A partir de então, unton-se de suavidades a estrada da sua vida, e «Al-Kan» foi avivando a sua popularidade, dilatando o valor do seu trabalho e engrossando o «pé de meia». *Ridde paggiaccio*... — canta-se na ópera de Leoncavallo, mas o riso do palhaço, por ser um contorcionismo da alma, aleija, mal-agoura a sorte do escravo da gargalhada, paga-se caro como um pecado... E tanto assim que «Al-Kan», precisamente na curva mais doirada dos seus triunfos, conheceu a mulher que devia perdê-lo... Segundo o que afirma um «Reporter» italiano, *Senzazione*, foi em Turim que o palhaço português amou a bela «signorina» Regina Amletti, irmã do galã mais glorioso dos tempos aureos da cinematografia italiana, Carlo Amletti, que fazia o papel de «Lesbus» na *Cabiria*, e de «Imperador» no *Saque de Roma*. Regina tinha sido uma garota da valeta, criada ao acaso das ruas, ora esmolando, ora vendendo flores, ora arrastando-se atrás de bandos suspeitos. Estava destinada ao mais degradante dos futuros, ao do amor do pântano ou à mancebia com qualquer «apache» que a obrigasse a roubar, e que a lançasse no degrado. Salvou-se porque uma alma pura e generosa se apiedou dela...

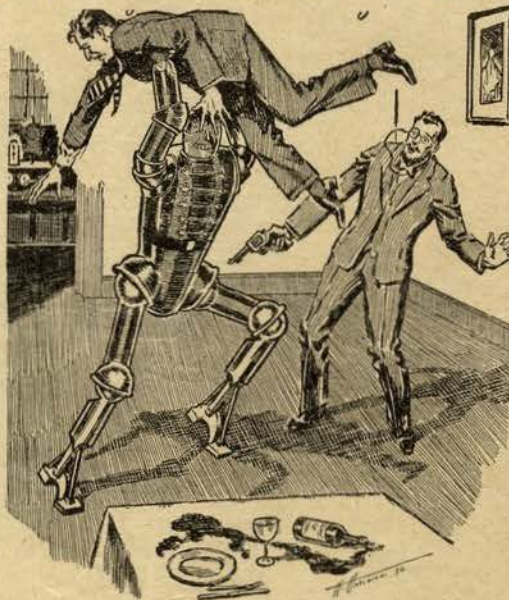
...Se a alma era generosa e bela, o corpo não podia ser mais horrendo. Estrábico, com as pernas amputadas do Joelho para baixo, e os braços pelos cotovelos, e meio corcunda ainda, o Indês Keep Hartley, filho de artistas e vítima, criança ainda, de um desastre de combóio, tivera de esforçar a imaginação para, mesmo monstruoso e inválido como era, ganhar o pão de cada dia. Como? Inventára um «número» de circo sensacional, aproveitando-se dos seus próprios aleijões: o «autómato humano». Um «manager» apparecia na pista ou no palco, dizendo-se inventor dum aparelho que funcionava como se a vida circulasse pelas suas entranhas de aço, e apresentava o «autómato», que quebrava barras de ferro, estoirava correntes e algemas, e que... contava, assoviava, jogava às cartas e às «damas» e respondia a todas as perguntas. Escusado será dizer que dentro

A TRAGEDIA DE UM PALHAÇO



PORTUGUÊS

Os nossos palhaços — A sorte do «Porto» — De Alcântara... ao Mundo — O nome de cartaz — A ladra de Roma — O galã de cinema — O assassínio — O «autómato humano».



Como o ilusteador do jornal italiano «Senzazione» reconstruiu a tragédia do Hotel Splendor

do «autómato», aliás maravilhosamente engendrado por Keep, encontrava-se o corpo mutiladíssimo do próprio Keep. Mas o público, vendo que as pernas e os braços do aparelho eram hastes da grossura dum lápis, e não suspeitando do aleijão do ilusionista, acreditava piamente na genial mecânica humana do «autómato», que humana era, visto que era Keep quem, de dentro, assoviava, jogava, contava e... quebrava os ferros, ajudado por uma corrente eléctrica, de forma a que bastava um movimento dos seus côtos para que as barras e as correntes estoirassem. Keep era, como «Al-Kan», um artista disputado pelas empresas. E, por isso, era frequentemente trabalharem no mesmo circo ou no mesmo «music-hall».

O «autómato humano»

Um dia, em Roma, Keep, que raramente passeava, e, quando o fazia, era num carrido de inválido, que um creado seu puxava, sentiu o capricho de assistir não sei a que parada militar. Prensado entre a multidão, deu pela falta da carteira com algumas notas. O creado, que suspeitava da aproximação de uma galdéria qualquer, deixou-lhe logo as garras, arrancando-lhe do seio a carteira roubada. Veio a Policia para a prender, mas Keep, em vez de se queixar, empregou todos os esforços para a libertarem. Ao ver-se salva, a ladra jurou, entre lágrimas, a sua gratidão, explicando que era a fome que a obrigava a tão ignominioso officio. Keep levou-a ao hotel e deu-lhe de comer e de vestir. Era bela, bela até a sedução, a galdéria, e Keep, resignado já ao isolamento imposto pela sua fatalidade física, apaixonou-se, até à labareda, por Regina Amletti... Ela acompanhou-o durante cinco anos. O irmão, o artista cinematográfico a quem já nos referimos, e que a abandonara desde os primeiros meses da orfanidade comum, reapareceu na sua vida, para, de colaboração com a irmã, exigir ao próprio inválido o casamento. E Keep casou-se com Regina. Todo o dinheiro que ganhava era para ela luxar. Não havia capricho, por mais caro, que elle não lhe satisfizesse. Amava-a, como os cegos devem amar a luz...

«Ridde, paggiaccio»

Desde Turim que o palhaço português vivia num íntimo e diabólico martírio. «Al-Kan» amava também Regina. Refinada, leviana, cruel e ingrata, procurava todos os pretextos para incendiar mais ainda aquele amor proibido. Mas «Al-Kan» era amigo de Keep, seu camarada. E era novo, robusto, musculoso, enquanto que o outro era um pobre inválido; sem braços, sem pernas, incapaz de castigar uma afronta. Mas, por mais criminosa que julgasse a sua falta, não teve forças para resistir à tentação de Regina. E durante meses o seu crime prosseguiu, no segredo de duas almas apenas: no da sua e no da de Regina.

Em 10 de Junho, estando ambos a trabalhar no Teatro Pompeo, de Milão, Keep chamou o empresário e disse-lhe que era a última noite que trabalhava. Não houve argumento nem ameaça de multa que o fizesse demover. E, findo o espectáculo, encaixotou a coureira e aparelhos que lhe serviam para fazer o papel de «autómato humano» e recolheu, com elles, ao hotel.

Altas horas da madrugada, um creado português de «Al-Kan» — Júlio Baptista, natural de Farnalício, antigo soldado do C. E. P., da «Brigada do Minhos» —, que o servia desde Paris, e que dormia no quarto vizinho ao seu, no Hotel Splendor, ouviu o patriarcal gritar afeitivamente por socorro. Armatou-se duma pistola e correu em ajuda do palhaço. Que se visse o panno e angústia de Júlio Baptista ao ver «Al-Kan» erguido nas garras de aço do «autómato humano», aquelas garras que quebravam barras de ferro e que estavam estrangulando o palhaço. Disparou ainda a pistola, mas as balas foram achatar-se contra a coureira. Era Keep que, avisado da traição de Regina e de «Al-Kan», lhes armara uma cilada e os surpreendia em flagrante adultério. Keep, aleijado, amputado, inválido, não era homem para castigar de uma afronta o nosso compatriota — sádico, intacto e forte —; mas conseguiu-se com a força do seu aparelho e, graças a elle, conseguiu vingar-se, estrangulando «Al-Kan». Triste destino do dèste palhaço português. Ficou dormindo o sono eterno no coval n.º 43:722, do cemitério municipal de Milão. *Ridde, paggiaccio*...

Deixou em Portugal duas irmãs e o pai, que vive ainda em Alcântara.

Os "Carros da Morte"

Onde estão? Que fizeram deles?

A carruagem real e o atentado de 1908 — Uma gota de sangue — O dr. Sidónio Pais — O primeiro drama do "taxi, 9297" — O roubo da chapa metálica — O "taxi, de Bajot" — A "camionette" fantasma — A morte de Mousinho e do jornalista romântico — Outra atriz e outro empresário.



Reconstituição do drama do regicídio, em 2 de Fevereiro de 1908. (Segundo uma gravura da época)

UMA manhã acordamos, sacudidos pelo berreiro dos «ardinas», que lançam o pregão duma tragédia de primeira classe, crime emocionante ou qualquer outro «grand-guignol» da vida real; arrebatamos os jornais das mãos dos vendedores; durante dias ou semanas, electrizamos os nossos nervos, avermelhamos o nosso espírito, seguindo, como um espectador de filmes por episódios, a projecção das reportagens sucessivas; por fim, as colunas de prosa são enroupadas pela narrativa de outra tragédia, de outro crime, e logo o anterior cai na vala comum, no esquecimento, como a casca de um fruto que saboreámos, ficando-nos apenas a tremeluzir no cérebro a minúscula chama de uma vaga reminiscência... Das personagens que heroicaram esse acontecimento e de todo o material da sua «mise-en-scène» temos a impressão disparatada de que se sumiram da Terra, sem deixar vestígios, como se fôsem imagens de lanterna mágica que se apagassem quando o foco luminoso que as criava se extinguiu. Assim como nunca mais pensámos no sinistro Leandro, o Nero da Rua da Madalena, que em 1907 incendiou o prédio, fritando uma dúzia de vítimas, na cubiça do prémio do seguro, e que, após uns anos de remorsos alucinados na Penitenciária, conseguiu um silencioso perdão, regressando à pátria, a Galiza, onde recomeçou a sua vida de comerciante, e com tanta sorte que ameaçou já uma fortuna; assim como nos esquecemos do tão discutido tenente Mariaux, que, em 1910, depois de exautorado e de condenado a degredo perpétuo pelo crime de alta traição à França, partiu para a Guyana, onde Albert Londres o foi

tava a mão!» — exclamou êle, entre lágrimas; tão pouco fazemos a menor ideia do que podia ter sucedido e aonde iria parar o bacamarte do José do Telhado, a navalha do Diogo Alves, ou a mala em que a literata sinistra de Square Pigale meteu o cadáver do marido assassinado...

... Há meses, a meio de uma palestra de «café», um ilustre escritor, o sr. Castelo de Moraes, surpreendeu-nos com a seguinte pergunta: «Sabes o que foi feito da «camionette-fantasma», que transportou, em 19 de Outubro de 1921, os matadores da «Noite trágica»? Não o sabíamos, mas sabia-o êle. Fôra vendida a uns proprietários de uma vila vizinha de Lisboa, que, indiferentes ao passado sangrento do carro, se deixaram tentar pela sua barateza, mudando-lhe o número de matrícula, estigma da «noite de horrores» que ela vivera. Agora, a «camionette-fantasma» é a mais pacata das «camionettes», trabalhando honradamente a sua gasolina... de cada dia. Combinámos com o sr. Castelo de Moraes uma reportagem sobre este assunto. Êle não chegou a escrevê-la, mas da sua lembrança algo perdurou: a ideia de reunirmos num artigo alguns «carros da morte», irmãos daquela «camionette» e que, como ela, sofreram, nas suas entranhas metálicas, horas de angustiosa emoção.

A carruagem real

Começemos pela carruagem onde o rei D. Carlos e o príncipe Luiz Felipe foram fuzilados, na tarde histórica de 2 de Fevereiro de 1908. Era uma «Daumont» das mais modernas das cocheiras reais. Tinha sido encomendada em 1902 ao fabricante italiano Leonardo, e custára dois contos e trezentos mil réis. A primeira pessoa que passou nela foi a rainha D. Maria Pia. Algumas balas lhe picaram as portinholas, no Terreiro do Paço. O cocheiro, depois de conduzir os dois corpos reais, já inanimados, ao Arsenal, recolhera-a ao palácio, e, pouco depois, estavam apagados os vestígios que a tragédia lhe deixara assinalados; e, por isso, quando, uma tarde, após a entronização de D. Manuel, mandaram preparar uma «Daumont», foi aquela a escolhida pelo pessoal das cocheiras. A rainha D. Amélia chegou a subir e a sentar-se, mas antes mesmo dos cavalos se terem movido, a rainha abafou um grito de pavor, e, erguendo-se, saiu, muito pálida e trémula, da carruagem. Ê que todos os vestígios da tragédia tinham desaparecido, menos umas gotas de sangue, que salpicavam a banqueta fronteira à da rainha... Até 5 de Outubro de 1910 nunca

mais essa carruagem viu a luz do sol. Veio a República e ela passou, juntamente com as suas irmãs palacianas, para o serviço presidencial. Nem Teófilo Braga nem o dr. Manuel de Arriaga quebraram êsse enguiço. O dr. Bernardino Machado, ao subir ao Poder e ao ocupar o Palácio de Belem, teve o especial cuidado de pedir para lhe indicarem qual das «Daumonts» era a do «Terreiro do Paço», e há quem afirme que sua excelência a marcou pessoalmente, e que nunca subia para uma carruagem sem primeiro se certificar se era ou a fatídica... O único presidente que não teve o menor temor ou relutância em a usar foi o dr. Sidónio Pais, que nela saiu duas vezes. A segunda foi... poucos dias antes da tragédia da «gare» do Rossio.

A pessoa que nos fornece estas informações garante-nos que êste «carro da morte» foi vendido, em 1923 ou 1924, a um arrematante estrangeiro que, sabendo do que se passava, insistiu para que lha vendessem, manobrando influências e não regateando preços. Esse estrangeiro era, dizem-me, o inglês Clipton, filho do milionário do mesmo nome.

O "taxi, 9.297

Como se sabe, a Cooperativa dos «Chauffeurs», ao lançar a esplêndida iniciativa dos primeiros «taxis» — segredo principal da metamorfose moderna de Lisboa —, contratou com a fábrica «Citroën» a compra dos carros que necessitava. O público ineditamente o alcinhou de «palhinhas», por causa do estilo da sua «carrosserie». Entre êsses «palhinhas» um havia que estava fadado para trágicos destinos... Era, de nascença, um «carro da morte». Antes de vir para Portugal, no pequeno estádio agregado à fábrica onde se fazem as experiências de todos os «autos» que vão saindo, prontos, o futuro 9297 (9+2+9+7=0), que tinha o número de série 34533 (3+4+5+3+3=0), deu as voltas habituais, guiado pelo «chauffeur» encarregado dessas experiências. Mal êsse «chauffeur» abandonou o volante, caiu por terra, eja-culando sangue... A amante, ciumenta, aguardava-o, para se vingar de uma traição amorosa... Foi êste o primeiro drama que o «carro da morte» presenciou. Soube-o porque Mr. Marcel Richard, funcionário superior da fábrica «Citroën», ao ter conhecimento do segundo drama do «9297», sentiu o palpito de que era o mesmo carro, e, pedindo a informação do número de fabrico, viu que se tratava, de facto, do 34533...

(Continua na pág. 12)



encontrar, precocemente velho, convencionalmente livre, chorando porque a filha dum governador lhe estendeu a mão. (...«Há vinte anos que ninguém me aper-

As Grandes

O mar é um insaciável devorador de pessoas. Raro é o dia que êle, o grande monstro que dá à Terra o seu abraço milenário e ameaçador, não trague, em todo o mundo, alguma pobre vítima humana. Em regra leva-a para paragens longínquas, banqueteia-se com ela como um vampiro repugnante, e depois de saciado cospe-a às praias, onde a deixa deformada, roída, mutilada, repugnante.

De quando em quando, a sua fúria recrudescer. E então já um desgraçado aqui, outro além, não bastam ao seu apetite voraz. A sua ânsia canibalesca aguça-se súbitamente, a pesada pata líquida abate-se sobre pobres navios que se equilibram no seu dorso eriçado como uma pulga sobre um elefante, num movimento brusco e traiçoeiro, cava abismos insondáveis onde precipita dezenas de vidas inocentes. É quando produz os grandes naufrágios, aqueles que pela sua grandeza trágica mais impressionam a Humanidade.

A evocação do naufrágio do *Saint-Philibert*, o pequeno navio de excursões que há poucas semanas, durante uma viagem de duas horas, se afundou, à vista de terra, com socorros quasi à mão de semear, vitimando mais de quinhentas pessoas, ainda nos faz estremeecer de horror. A notícia deste recente desastre causou pavor em todo o mundo. Esta catástrofe faz-nos recordar outras, não menos trágicas, e que em seu tempo produziram tão viva impressão como esta.

Sem irmos mais longe do que ao fim do século passado, podemos principiar por lembrar o naufrágio do couraçado inglês *Victoria*, em 1893, que fez 360 vítimas; em 1895, o *Reina-Regente*, cruzador espanhol, causa 401 mortes; no mesmo ano o *Elbe*, vapor alemão, afunda-se, depois de um abaloamento no Mar do Norte, com 352 pessoas.

O *Saller*, «steamer» alemão, perde-se em 1896, na costa de Espanha, com 280 vítimas; o vapor inglês *Drummond-Castle* naufraga com 250 pessoas; em 1898, o transatlântico francês *Bourgogne* é engulido com 565 pessoas; o «steamer» *Stella*, em 1899, some-se com 105 infelizes. Há uma curta trégua de quatro anos, quebrada em 1903 pelo abaloamento do «steamer» marseilhês *Liban* e o vapor *Insulaire*, afundando-se o primeiro com 117 pessoas.

Em Junho de 1904, perto de New-York, o «steamer» americano *General Slowm* incendia-se e faz 1.000 vítimas. Todos estes desgraçados eram, como os passageiros do *Saint-Philibert*, alegres excursionistas. O incêndio provocou o pânico. Uns esmagaram-se contra os barcos salva-vidas, outros



Catástrofes

atiraram-se ao mar. O desvairamento fez mais vítimas do que a própria catástrofe. Depois o *Gironde* e o *Ange-Schiaffino* chocam em 4 de Novembro de 1904, perecendo 106 pessoas. No mesmo ano o naufrágio do transatlântico *Norge* faz 633 vítimas.

Uma das catástrofes mais dolorosas foi a do «steamer» *Hilda*, acochado por uma terrível noite de inverno, em Novembro de 1905. Alguns passageiros que tiveram a coragem de se amarrar aos mastros, e esperar o fim da tempestade, ainda puderam salvar-se; os outros, em número de 128, pereceram.

Em 5 de Agosto de 1906, o *Sirio*, paquete italiano, afundou-se perto de Carthago com mais de 200 pessoas. Em 22 de Fevereiro de 1907, o «steamer» inglês *Berlin*, atirado pelo temporal contra as costas da Holanda, perto de Rotterdam, fez 150 vítimas. O *Poitu*, despedaçado nas costas do Uruguay, em 4

Marítimas

de Maio de 1907, 58 vítimas; o «steamer» espanhol *Larache* naufragou em 25 de Junho de 1908. Pereceram 85 pessoas; com o *Seyne*, que se afundou em 14 de Novembro de 1909, desapareceram 101 passageiros. No mesmo ano, dois navios japoneses, que abalroaram, causaram 700 mortes. Em Fevereiro de 1910, nos recifes da ilha Minorca, naufragou o paquete *General Chanzy*. Apenas um passageiro conseguiu salvar-se. O paquete foi engulido com 156 pessoas.

No mês de Abril de 1912, produziu-se a catástrofe marítima mais espantosa e horrível dos últimos tempos, a do *Titanic*. Era a primeira viagem deste transatlântico, o maior, o melhor apetrechado dos que existiam então. Pois não chegou a completar essa primeira viagem. Atingido por um formidável *ice-berg*, o *Titanic*, o colosso, desapareceu em alguns minutos, sepultando nas ondas 1.415 pessoas!

Em 1913, um incêndio devorou no alto mar o paquete *Voltumo*, causando 136 mortes. Em Maio de 1914, o paquete *Empress-of-Ireland*, devido a um nevoeiro, abalroou com um navio carvoeiro, naufragando em dezanove minutos. Era de manhã. Os passageiros, que se encontravam dormindo nos seus beliches, não tiveram, na sua maioria, tempo de se aperceber do perigo. O navio sossobrou quasi instantaneamente, com mais de mil vítimas.

Vem depois o ano da guerra, em que a maldade humana suplantou a ferocidade dos elementos. Dessa época horrível apenas recordamos o naufrágio do *Lusitânia*, de cujas vítimas o mar não teve culpa.

Em Janeiro de 1921, naufraga o navio espanhol *Santa-Isabel*, que vinha das Canárias, vitimando 150 pessoas; no seguinte o paquete *Egypt*, correio das Índias, chocando com um navio de carga francês, desapareceu em vinte minutos, com cerca de 100 pessoas; em 18 de Agosto de 1926, o navio de excursão *Mac Kinal* afunda-se com 47 vítimas; em 25 de Outubro de 1927, o «steamer» italiano *Principessa Mafalda* naufraga ao largo da costa do Brasil, havendo 314 mortos.

Em 1928, a 12 de Novembro, vai a pique o vapor inglês *Vesris*, a quarenta milhas do Cabo Virgínia: perdem-se 110 vidas. Em 30 de Agosto de 1929, o *San Juan* afunda-se na baía de Santa Cruz: 70 vítimas. 100 pessoas — crianças na sua maioria — morrem a 9 de Setembro de 1929, no naufrágio do *Cooster Kuru*, no golfo da Finlândia.

A todas estas vítimas juntam-se agora mais quinhentas, do *Saint-Philibert*, que enlutou a França e desolou o mundo inteiro.

Quereis dinheiro?

Joíai no

GAMA

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Uma aventura nocturna

O mistério dos "autos" em fila...

A hora... dos fantasmas — O primeiro alarme — Automóveis suspeitos — Um mistério a desvendar — A fantasia dos reporteres — O mistério esclarecido.

MEIA NOITE. Não sabemos porquê, naquela quasi vizinhança da madrugada, sentimo-nos picados por uma balsâmica emoção, das que nos oxigenam o corpo e alma, aligeirando uma coisa e outra e desafiando-nos a um «la charge» contra o mistério, na ânsia de aventuras inéditas, de sensações novas, de impressões inesperadas... Aquela preguiça natural que tantas vezes nos assustava só com a ideia de perder o «último carro» desaparecera, substituída pelo desejo de «footing» pouco higiênico, galgando o Chiado e todas as encostas da colina que conduz ao nosso covil... E ao subirmos as Ruas do Mundo e de D. Pedro V, absolutamente fechados num envólucro dos nossos pensamentos, vibraram, no silêncio tépido daquela noite de Junho, as dóze badaladas, num eco infinito, como se um invisível martelo as arrancasse da abóbada celeste e como se a abóbada celeste se ocultasse sob a sêda azul do corpo metálico dum bombo. A experiência obriga-nos a confiar nos avisos da nossa sensibilidade, e por isso mesmo nos alertamos ao sentir uma involuntária perturbação quando aquele relógio de um tempo distante marcou com o seu próprio som essa imaterial fronteira que separa um dia do outro dia, a noite da madrugada, e que, apesar da lenda, povoára esse instante de fantasmas e fenómenos sobrenaturais, que nunca como então tinha provocado no nosso sistema nervoso um dedilhar tão violento. Involuntariamente deixámos o nosso corpo à mercê da sacudidela que a meia noite nos provocara. Tentámos reagir, seguindo o nosso caminho, mas já não nos foi possível esquivarmo-nos à suspeita, ou antes, à certeza de que por mais esquivas curvas que fizéssemos para evitar o misterioso inevitável — essas curvas seriam sempre, paradoxalmente, uma curtíssima recta entre a nossa sensibilidade e a surpresa dum acontecimento do estilo daqueles que a meia noite fecunda distribui pela Humanidade. Prosseguimos o nosso caminho circunvagando a vista, à espera já dos primeiros «hussards» de mistério. Até então, a Rua da Escola Politécnica tinha-nos parecido deserta, silenciosa como uma estrada. De súbito, a passagem vertiginosa de um automóvel produziu-nos o primeiro alarme. Porquê? Dir-se-ia que os próprios espelhamentos da «carrosserie» projectavam confidências novelescas, confidências que eu traduzia visionando uma donzela

amordaçada e manietada no interior do carro, e um «chauffeur», de máscara, ao volante. Mas não tinha ainda desfeito esta sugestão quando outro automóvel, rodando



na mesma vertigem e na mesma direcção, não provocou uma nova suspeita. Terge iam enganado os olhos? Ia jurar que naquele segundo carro um grupo embaçado me havia espreitado sinistramente à passagem, junto a mim. Logo um terceiro automóvel, e um quarto, e um quinto e um... toda uma bicha intervalada apenas por uma pequena distância uns dos outros, cada vez menor, deixando-me todos eles uma impressão diferente na forma mas gêmea do resultado apavorante que me causava. Os nervos trepidavam; uma segurança aflitiva, aquela segurança que diagnostica o máximo enervamento, punha brasas na minha garganta. Aprestei o passo, na esperança de atingir o objectivo daquela fileira de «autos», visto que os «autos», con-

Equívoco lamentável...



— Para que se zanga a tua filha, se o que vimos pedir é a sua mão?...

tinuando a rodar uns atrás dos outros, formavam uma espécie de pista, guiando a minha ansiosa curiosidade. Quando cheguei à Praça do Brasil, atingira eu próprio uma velocidade que teria chamado a atenção dos transeuntes se fôsse outra hora qualquer. No momento em que dobrava a Rua Alexandre Herculano, tive a felicidade de me cruzar com um velho amigo, que, pasmado com a minha atitude, indagou se eu ia fugido da Polícia ou na peugada de algum criminoso. E os «autos» continuavam rodando na mesma direcção... Apon-tei-lhe a «bicha» interminável, explicando-lhe o segrêdo da minha correria, e êle, crispando o rôsto numa expressão grave e tectiturna, disse-me:

— «Vamos a ver se a tua imaginação de repórter atinge a resolução deste enigma... Que supões tu? Vejamos... Consta que Al Capone, num vôo de abutre, atravessou o Atlântico e veio até Portugal, num capricho que é delicado... para psicologia de bandido, organizar uma filial da sua «Maffia» tremenda. Não é com o objectivo dos lucros fabulosos que êle fez isto, mas sim por um instinto de simpatia para com o nosso país. Rápido, suggestionador, experimentado, dispondo de uma técnica invencível, ei-lo a organizar células e sub-células, bandas e patrulhas, seitas e sindicatos; a instruir «pistoleros» e assassinos profissionais, especialistas do assalto e «virtuosos» do crime. Podia muito bem ser hoje a primeira assembleia geral desse Estado Secreto de Bandidos, e daí essa «bicha» de automóveis! Ia jurar que foi esta a tua visão, o que a tua fantasia de repórter urdiu e maquinou, aliás com elasticidade de inventiva e com certa lógica de dedução... Mas...

Calou-se, sorriu-se, e prosseguiu:

— Mas... falhaste desta vez... Nem Al Capone nem seitas nem «pistoleros». Não sabes, aqui na Rua Alexandre Herculano, onde está instalada a célebre «Garage Auto Palace», a preferida de todos os proprietários de automóveis, quer pela sua moderníssima instalação, quer pelo cuidado com que cuidam dos carros, quer ainda pela modéstia dos preços das suas tarifas? Se não sabes, fica sabendo. O espectáculo que viste é o melhor argumento para te convencer. Para que não esqueças, aponta o número do telefone: N 4692.

E eis como, após a emoção de uma aventura, colhi uma informação preciosa.



O «homem-cabeça de peixe», ao colo da mãe

ENTRAI, senhores, entrai! Um escudo por cabeça! O mais sensacional fenómeno do mundo! Catherine — o «cadáver-vivo»! Colossal! Entrai!

Era uma noite em que o Porto rasgava as suas neblinas britânicas, envolvendo-se no cenário azul, diáfano e quente, de Nápoles... Organizou-se um grupo, à porta do «Excelsior», para «revisitar» a feira de Matozinhos. De todas as feiras do Norte, é esta a mais pitoresca na sua amalgama de arraial de aldeia, de Barnum saltimbancosco e de Luna Park ultra-plebeu. Minhotas de seio volumoso vendem barras policromas e caricaturais, sob grinaldas e bandeirolas de papel; domadores húngaros ou russos, com o peito constelado de latão, descrevem, numa lenga-lenga habélica, a ferocidade dos leões e tigres anémicos que rugem por detrás das lonas; cartazes berantes, à porta das barracas, anunciam monstros nunca vistos e fenómenos de pasmar. Quando me enfileirei na bicha papalva dos que iam contemplar, por um escudo, o sensacional «cadáver-vivo», longe estava eu de visionar o macabro espectáculo que me reservavam. No centro da barraca erguia-se um peanha, e sobre essa peanha... o fenómeno. Era um tronco humano, tronco aliás airoso na linha que desenhava a cintu-



Uma dama barbada...

ra, o busto, o colo e o pescoço. Não tinha braços nem pernas. O rosto era belo. Alguém cometera a cruel «coquetteria» de o maquilhar. Bôca pequena, dentes muito brancos, nariz romano... Olhos... também não possuía! Era cega, surda e muda. Sem braços, sem pernas, sem vista, sem ouvido, sem fala. Era bem um «cadáver-vivo», um pedaço de cadáver, porque os próprios cadáveres costumam ser mais... completos. E a vida continuava a palpitá-lo ali dentro, o coração movimentava o sangue, os pulmões recebiam o ar e — oh!, que horrível felicidade! — o cérebro pensava. Vivia, enterrada dentro do seu tronco, como um gigante prensado dentro dum pequeno caixão!

— Catherine no és una dona infelice — afirmava, numa algaraviada, o «voyou» que a exibia. — Catherine és

mucho inteligente e busca todos los placeres que la vida le ofrece. No vé, no parla, no tiene oído, pero... conversa; quiere todas las noches que le cuentem novedades; e sabe pedir o que le gusta. Quieren los señores ver como és que ella conversa y como nosotros le hablamos? Haga uno de ustedes una pregunta...

Um «galucho» quis saber qual era o seu petisco predilecto. O «voyou» acercou-se do tronco e começou a tamborilar com os dedos na frente do «cadáver-vivo». Usava de um processo Morse. Cada letra correspondia a um certo número de pancadas, e estas, por sua vez, variavam de valor, conforme o intervalo, mais longo ou mais curto, que as separavam. E assim ela, sentindo-as, organizava nas trevas alfitivas do seu mundo cerebral as palavras, as frases que os outros lhe transmitiam.

Quando o «voyou» acabou de declarar a pergunta, Catherine moveu a cabeça... Esse movimento devia ter um significado especial, porque éle, murmurando um «ya... ya» colocou entre os dentes do «cadáver-vivo» um lápis e pôs ao alcance desse lápis uma pequena ardózia. Catherine, então, com uma agilidade inacreditável, movendo o lápis como se o tivesse entre os dedos, começou a desenhar, numa caligrafia quasi firme, a resposta à interrogação do espectador: «O petisco que más me gusta és bolos de bacalau, pero hade ser con vino verde...» E deixando cair o lápis da bôca, moveu os lábios, num sorriso

fresco e galante! A «morta-viva» também sorria! O seu sorriso angustiou-me mais do que toda a sua inquisição eterna. Abalei, fugi da barraca...

O segredo da «morta-viva»

Contaram-me depois (uns vizinhos da barraca, os domadores Rosnier) a história da «morta-viva». Era polaca, filha de saltimbancos. De oito irmãos, foi ela a único que vingou, e em que estado! A mãe, acrobata contorcionista, era obrigada a trabalhar até ao momento da maternidade. Daí o virem sempre uns monstros, cúmulos de aleijões, que não resistiam à vida. Ela nascera já muda, surda, sem pernas e só com um braço, o braço direito, e todo torcido. Como não podia cabriolar na pista nem era suficiente fenómeno para atrair o público, sofreu muita miséria até aos 13 anos, idade em que a vista foi atacada por uma inexplicável moléstia. Apareceu-lhe então um empresário — aquele «voyou» —, que há muito a espreitava, e fez-lhe uma proposta por escrito, que ela leu aos últimos lampejos dos seus olhos moribundos, em véspera de cegueira: «Tu, tal como estás, para nada serves, passas fome e miséria, e cada vez será pior! Chegarás a um ponto em que te abandonarão como um farrapo velho e inútil, e nem sequer podes pedir esmola! Ora, se te confiáres a mim, ficas com o teu futuro assegurado. Faço um contrato por meio de notário, asseguro-te, até à morte, um ordenadão, terás quem te cuide com carinho e comodidades de todo o género, comerás e beberás o que te apetece, e serás vigiada por alguém que tu própria nomeies para garantir o cumprimento do que eu proponho. Em troca, esperas tranquilamente (!!!) que venha a cegueira completa, aproveitando esse espaço de tempo para combarmos

uma forma de tu aprenderes a comprender-me pelo sistema Morse, tédclado sobre a tua frente, e a responder-me, escrevendo com o lápis entre os dentes; deixas amputar o braço direito, que estraga o conjunto, porque com o braço não poderás ser um fenómeno completo.»

Catherine aceitou sem relutância, e até com entusiasmo, a proposta. Esperou, com certa impaciência, a cegueira completa; deixou que a operassem, arrancando-lhe o único membro que lhe restava, e começou a percorrer (?) o mundo como «morta-viva». E considerava-se feliz, o desditoso monstro! O empresário era honrado e ela caprichosa. Tinha uma dama de companhia, polaca também, pachorrenta e obediente, que lhe satisfazia todas as vontades. Como Catherine fôra uma leitora apaixonada de romances, a aia passava horas e horas a tamborilar-lhe na testa os argumentos dos livros que lia expressamente para lhos explicar depois... marcônicamente. Escolhia os seus «menus», de lápis entre os dentes, com arte e requinte. Os apetites de doces, chocolates e licores eram constantes; os de «champagne» e de vinho,

freqüentes. E digería sem dificuldades. Viajava numa mala especialmente construída para ela, afôada, onde também dormia, visto que jámais consentia outra posição que não fosse a do tronco erguido, embora encostado nas horas do sono. O tempo da mala estava esburacado, por onde a cabeça passava. Era muito avarenta e exigente em contas, e não perdoava o menor descuido ou erro de cálculo. Todo o dinheiro que lhe sobrava dos gastos mandava-o depositar num Banco. Para que a vigilância sobre o seu tratamento fosse rigorosa, encarregára dela dois parentes, indispuera-os, de lápis na bôca, a germinar intrigas na ardózia, para que não houvesse perigo de se entenderem e conjurarem qualquer traição com o seu empresário.

— «O senhor tem pena da «morta-viva»? — dizia-me o domador que me estivera informando. — Pois fique sabendo que existe quem lhe inveje a sorte. Já eu ouvi dizer alguém: «Se fosse possível fazer uma operação para ficar como ela...» Foi a «mulher-aranha» quem mo confessou... E tem razão... Os aleijões dela não lhe rendem nem uma décima parte dos de Catherine...»

Recordei essa tarde de 1926, passada na feira de Matozinhos, a propósito de uma reportagem que o admirável jornalista francês Jean Masson está realizando sob o título de «Quinta Raça». Contudo, os monstros, os fenómenos dos Lunas-Parks, dos circos, das feiras, não são exclusivos produtos da Fatalidade, da Natureza cruel, formando, entre eles, uma quinta raça, como Jean Masson pretende.

Os sacrifícios dos monstros

Numa quasi maioria, os fenómenos preparam-se, educam-se, sacrificam-se, cultivam-se, sujeitam-se a tratamentos deformadores, com o entusiasmo, a fé com que os outros se sujeitam a treinos ou a cirurgias que embelezam, que fortalecem, que aperfeçoam. Se existe o fenómeno espontâneo, como o anão ou gigante; se existe o monstro que se auto-completa, como a «morta-viva», que ofereceu voluntariamente o único braço como gazua da fortuna, também existe, em grande número, os que, sendo normais, ou quasi normais, se torturam para se tornarem em fenómenos artificiais. E todos eles, os que formam a raça dos monstros, por mais perfeita que seja a sua imperfeição, não adormecem sobre a glória... Continuam a vigiar-se, a sacrificar-se, a tratar-se, não seja o Diabo negro e não vá o corpo vencer inesperadamente o aleijão e eles perderem a Sorte que conquistaram...

Masson conheceu um fenómeno — «Rose, la Grosse», uma rapariga de 23 anos, que pesava... 273 quilos (!!!) —, que lhe declarou: «É preciso estar atenta para não fazer asneiras. Vinte gramas perdem-se facilmente, basta eu descuidar-me e estar a falar comsigo mais do que é permi-

tido. Vinte gramas é pouco, mas 20 hoje, 30 amanhã, e lá se vai o sucesso... e os cento e tal mil francos que eu ganho por ano... Nós, os fenómenos, somos obrigados a sacrifícios muito maiores do que todos os outros artistas! Violette, a «mulher-tronco» (não tem braços, nem pernas, e vive no alto duma peanha), era tão normal como qualquer outra rapariga bela. Tudo sacrificou pela arte, e depois de vários triunfos na Europa, atingiu o prémio dos seus trabalhos ganhando um contrato de 500 dólares mensais, por vinte anos, para se exibir na montra do maior cabeleireiro de Nova York. Recordasse de Rosenthal,

O «fenómeno» de Matozinhos — A «morta-viva» — Os monstros voluntários — A loucura do «homem-esqueleto» e o juízo da «mulher-gorda» — As ambições dos monstros — A Hungria, pátria dos «fenómenos».

in terminável e variadíssima.

Mas, fenómeno... geográfico, existe um país onde os empresários vão procurar os seus fenómenos, com a certeza de os encontrar, um país que é um viveiro de monstros, um país que é a pátria de quasi todos os anões e gigantes que percorrem o mundo. Esse país é a Hungria! Em certa aldeia húngara rara é a família que não vive dum ou vários fenómenos, que andam por essas feiras, na Europa e na América, e que, obrigados pelos contratos paternos, enviam todos os meses determinada quantia aos autores dos seus dias... e dos seus aleijões.

«O homem-esqueleto», que atrai multidões, há dois anos, no Luna Park? Pois está desgraçado, arruinado, por não ter juízo. Calcule que, depois de tão longos e dolorosos tratamentos que o guindaram à categoria de fenómeno único (era um autêntico esqueleto, tal como se não tivesse sobre os ossos nem pele, nem carne, nem músculos), começou a cair em fraquezas, a comer um pastel hoje, a mostrar-se nas ruas amanhã, e em pouco tempo ninguém o ia vêr! Pudera! Primeiro, porque o viam cá fóra e de graça; segundo, porque ficou reduzido... a estar quasi gordo. Um fenómeno tem que abdicar de tudo; não deve sair da sua barraca senão oculto e muito bem oculto. De contrário, quebra-se o encanto!»

A pátria dos monstros

E são centenas, os fenómenos que se exibem por esse mundo fóra. Adriana, a «mulher-barbada», que possui uma fortuna... capilar capaz de causar inveja a qualquer porta-machado, e que tudo sacrificou... pela arte, até o homem que amava, que a abandonou por ela teimar em ganhar a vida graças à sua monstruosidade; Marie Kaviés, que, sem braços, borda e escreve... com os pés; os irmãos siameses; o «homem-cão», o «homem-leão» (números de grande negócio, mas em que os empresários hesitam arriscar muito capital devido à pouca duração que têm: morrem todos cedo...); o «homem-mulher», que é mulher, e formosa, do lado direito, e homem, e bem másculo, do lado esquerdo, o último êxito do Luna-Park, e cujo retrato o Reporter X publicou num dos seus primeiros números; as «mulheres-tatuadas»; as «mulheres-aranhas»; as «mulheres-sapos»... A série é

Havia uma anã que perseguira com especial ansiedade o negociante de monstros: «Peço-lhe um minuto de atenção... Se eu, só como anã, não sirvo, não me importo de me sujeitar a qualquer operação para ser outro qualquer fenómeno. Li outro dia num jornal de Budapest que o «Homem-Verde» está tendo grande sucesso. E se eu me fizesse a «Mulher-Verde»?»

O diálogo foi interrompido pela aproximação de um outro fenómeno.

(Continua na pág. 12)



Três jovens pesando um total de cerca de quinhentos quilos...

A República Espanhola tem feito ao mundo, que imaginava a Espanha um país estruturalmente reaccionário, onde fôsem impossíveis os mais leves balbuceios republicanos ou socialistas, as mais desconcertantes surpresas. A última, porém, foi além de simples surpresa, para tomar as proporções de um verdadeiro assombro. Um ministro socialista, Indalcio Prieto, falando em nome do seu partido, o grande partido socialista — o maior organismo político da Espanha de hoje —, exprimiu a opinião sensacional de que o seu país, fiel aos princípios pacifistas a que a Humanidade aspira, devia abandonar a empresa imperialista de Marrocos, entregando aquela região à jurisdição da Sociedade das Nações.

Este pensamento, que está em absoluta harmonia com as ideias que presidem à Sociedade das Nações (a emancipação dos pequenos povos), foi na própria Sociedade das Nações que produziu maior alarme. A Europa, que anda a cantar a ária da paz e da harmonia entre os povos, ficou perplexa ao encarar a hipótese de uma nação abandonar a política imperialista até hoje seguida, cumprindo à letra o que as canções embaladoras de Briand vêm exprimindo, com aplauso gentil da opinião quasi unânime dos estadistas que uma ou duas vezes por ano se dão rendez-vous em Genebra.

Não nos compete — porque a nossa opinião, muito pessoal, a reservamos para a nossa consciência — aplaudir ou combater as curiosas afirmações do sr. Indalcio Prieto. O que nos cumpre agora, como jornalista, como repórter, é iluminar as mais importantes facetas do problema, revelando factos inéditos, focando pormenores interessantes, elucidando a opinião pública. E como o sr. Prieto mantém, embora restringindo o caso a uma simples teoria do seu partido, a afirmação de que a Espanha deve abandonar a zona de Marrocos, aprez-nos prevêr os acontecimentos que tal resolução possivelmente provocaria na Europa.

Se a Espanha abandonasse Marrocos, a Alemanha, que afirma, a cada passo, o seu interesse pelas coisas coloniais, propôr-se-ia imediatamente a substituí-la. Ela alega que o seu comércio e a sua indústria desenvolvídisimos encontrariam naquela zona mercados esplêndidos e que, longe de querer exclusivamente resolver o seu problema económico, desejaria prestar um serviço à civilização mundial, levando a cultura a populações atrasadas, transformando uma região quasi deserta num paraíso invejável.

Mas a Inglaterra deixar-se-ia embalar nesse cântico de sereia? Não! A Inglaterra ocupa os principais pontos estratégicos do mundo. A permanência da Alemanha em Marrocos ameaça-lhe a livre acesso ao Mediterrâneo, cortando-lhe, portanto, em caso de conflito guerreiro, a passagem mais curta para o Oriente, onde os seus interesses são enormes. E, dada a simpatia que a Alemanha nutre pela Rússia, não viria a Alemanha em Marrocos a facilitar a propagação no norte de África e no sul da Europa? Não, a Inglaterra nunca suportaria os alemães no norte de África. E a França? Militam em seu favor razões de Estado idênticas às da Grã-Bretanha, mas com sua fertilidade verbal muito latina, ajuntaria outras para defender a sua candidatura à posse de Marrocos espanhol, en-

Se Marrocos se tornasse português?



A situação geográfica de Marrocos espanhol (X)

tre elas a de ter ela pacificado a zona marroquina que já ocupa, e a de ter facilitado, com o seu auxilio, a exterminação do exército rebelde dos riffenhos, destruindo o poder de Abd-el-Krim.

A Itália, pela boca de Mussolini, já exprimiu a aspiração de se apropriar de todo o norte de África, encetando a sua penetração através do continente até muito longe, até Angola, que é o seu sonho dourado. Não desejaria, portanto, em Marrocos, nem ingleses, nem franceses, nem alemães, mas apenas italianos. Mussolini afirma que o norte de África é o natural prolongamento do imperio romano, e ele, fiel à tradição romana, lutaria por transformar essa aspiração numa realidade.

E Portugal?

Portugal também teria, se quisesse, fortes argumentos para apoiar a sua candidatura à posse da zona de Marrocos que a Espanha abandonasse. Tem razões históricas, geográficas e étnicas. Foi Portugal o país europeu que primeiro dominou em Marrocos. Dêsse domínio, que é longínquo, mas profundo, restam ainda muitos monumentos, que os mais exaltados patriotas consideram padrões de imperecível glória, mas que nos tempos que vão correndo pouco ou nada pesarão, embora sejam de pedra, na opinião internacional. Temos a posição geográfica. Portugal, como a Espanha, é o país mais próximo de Marrocos, tendo umas velhas contas de sangue vertido em mil combates a ajustar com os bons sarracenos, que dominaram largos tempos na península. A proximidade daquela zona tornaria, portanto, o domínio europeu mais fácil aos portugueses do que aos franceses, ingleses ou alemães. Temos, por fim, uma tradição de relações luso-marroquinas importante, principalmente com a província do Algarve, onde persiste muito dos

hábitos mouros, tornando, portanto, mais fácil uma estreita aproximação dos dois povos.

A zaragata internacional que o problema suscitasse, poderia Portugal juntar as suas reclamações, com tanto direito como a Itália ambiciosa, a França da Liberdade, a Alemanha da «kultur», ou a Grã-Bretanha do imperialismo mundial.

A terem de aceitar, forçosamente, qualquer domínio europeu, qual dêles aceitariam de melhor grado os marroquinos? Supunhamos que o povo africano, o mais interessado no caso, também seria ouvido e a sua opinião contaria no meio da algazarra dos povos colonizadores. Diz-nos alguém, que esteve em Marrocos, que conheceu pessoalmente Abd-el-Krim e auscultou a opinião popular, que de todos os povos europeus, geralmente detestados naquela zona, o português é o que encontra na alma marroquina maiores simpatias. Este feito lusitano de se relacionar facilmente, evitando preconceitos de raça e irmanando sem relutância com gentes de todas as cores e feitios, calou bem no ânimo dos marroquinos. Se Portugal não adoptasse durante a guerra do Riff uma indiferença tão grande pelo problema de Marrocos, se houvesse por cá um estadista à maneira inglesa ou alemã, se a política internacional portuguesa fôsse orientada com a subtilidade, a diplomacia e a audácia do século das conquistas, afirma-nos esse alguém que os portugueses, talvez sem verter uma gota de sangue, nem gastar um ceitil, aproveitando o que de favorável a tradição lhes deixou, e maneando na sombra os acontecimentos actuais, poderiam dominar no norte de África.

Abd-el-Krim, por várias vezes, se lembrou de Portugal durante a guerra riffenha. Qual era o sonho dêsse marroquino extraordinário? Era apoiar-se numa política portuguesa, que, evitando-lhe uma derrota, lhe desse pelo menos, em face da Espanha, uma certa autonomia. E para neutralizar os efeitos perniciosos de uma política autonomista espanhola, de no fundo occulta-



ria sempre uma intenção imperialista acentuada, o caudillo riffenho pensava em facilitar tanto quanto possível o acesso dos portugueses a Marrocos, dando-lhes concessões grandes no terreno económico, chamando intellectuais portugueses para

(Continua na página 14)

T S F... X

A burla de Lagôa

As gazetas diárias já se ocupam do caso e, portanto, o grande público já o conhece nas suas linhas gerais, embora, por um melindre que nós não queremos profundar, se limitassem a dar às suas notícias o acanhado espaço que reservam, por vezes, sem usura, às simples desordens de rua. Trata-se do desfalque praticado por um tal João Cruz Simões, na casa bancária Judice Carneiro Simões & C.ª.



João Cruz Simões

A burla atinge milhares e milhares de escudos. Se não fôsse além de uns magros cobres, o burlão teria passado pelo desgosto de ver o seu retrato reproduzido e a sua biografia pintada com as tintas mais sombrias. João Cruz Simões prejudicou muita gente, mas como é pessoa de *respeitabilidade*, poucas são as vítimas que têm coragem de se queixar, temendo que neste nosso meio financeiro, em que os menos escrupulosos não raro ascendem às posições mais vantajosas e dominantes, amanhã, liberto da tremenda acusação que sobre ele pesa, exerça vinganças mesquinhas. Com o Cruz Simões, que defraudava o Estado, substituindo os cheques obrigatoriamente selados por simples vales, que giravam como cheques, todos os cuidados foram poucos. Nem sequer, como os seus irmãos de desgraça, se sujeitou às agruras de um cárcere infecto, onde tantos outros, mesmo doentes, têm gemido suas culpas. Ao cabo de três dias passaram-no para uma enfermaria. Talvez influíssem neste tratamento excepcional aqueles agentes bancários que aceitaram do burlão mimos de «champagne», «chás», petiscos e passeatas de automóvel, ou os bons esforços do seu compadre Luiz Marques. É sempre útil ter-se um bom compadre na vida... mesmo que os Bombeiros Voluntários de Portimão, que são úteis à colectividade, fiquem à espera, eternamente, do produto de uma subscrição que o Cruz Simões guardou tão bem guardado que nunca mais apareceu...

O Cruz Simões, segundo nos informam, exerceu individualmente, e de sociedade com o compadre Marques, o comércio bancário, sem as devidas garantias legais. O Estado é que perdeu. O Estado e outras vítimas como Francisco da Costa Lança, Constantino Augusto & Irmão, António Miguel e mais alguns, que se calam inexplicavelmente.

Ainda havemos de ver o Cruz Simões, impando de importância, a governar-se em Lagôa, mercê da cobardia de uns e da complicitade de outros. Se ele, mesmo agora, ainda faz recepções no cativo, como se vivesse livre e honradamente num palácio!

A T. S. F... X tem um aparelho receptor maravilhosamente montado... Não é verdade, senhores roubados?..

Um amigo dos diabos

O nosso porto de T. S. F... X, sempre atento às notícias de crueldades e crimes que é preciso castigar com a pena de aço com que escrevemos, recebeu um rádio doloroso, que profundamente nos impressionou. Vinha de Nova Goa, da Índia Portuguesa, e expedia-o um pai que, através das páginas de um folheto, chora a morte trágica de um filho, vítima das manobras sombrias de um conterrâneo, um falso amigo, que o espoliou na vida e na morte.

Um melindre, que talvez não seja agradável, nos leva a disfarçar a personalidade do carrasco — um falso amigo — sob as iniciais X. B.. Os nomes da vítima e do pai que a chora podem escrever-se por extenso: José Júlio Valadares, estudante de Direito, e Miguel F. Valadares, o autor do esclarecedor folheto que temos em nosso poder.

José Júlio Valadares chegou a Lisboa em Agosto de 1927. Vinha com a alma plena de projectos. Tinha vinte anos e o futuro abria-lhe luminosas perspectivas de triunfo. Matriculou-se na Faculdade de Direito e alojou-se, por indicação de um amigo, aquele fatal amigo dos diabos, que tem sido a perdição de tanta mocidade, numa pensão na Rua da Glória, n.º 41, 3.ª, D.to. Esse amigo dos diabos surgia-lhe na pessoa de X. B..

Em 23 de Maio de 1928, o pobre estudante adoeceu gravemente. Uma febre rente apossara-se dele. E X. B., o amigo e parente, a pessoa em quem José Júlio Valadares depositava toda a sua confiança, não o levou a qualquer dos seus médicos e amigos, drs. Lopo de Carvalho e Aguiar Cabral, foi necessário que a hospedeira, compadecida, trouxesse o seu médico, dr. Lacerda de Melo — após dez dias de febre sem tratamento. Era uma febre tifoide.

Nas vésperas de adoecer, recebeu o estudante um cheque de oito libras. Sabe-se que parte desse dinheiro entregara o doente ao X. B. (este,



José Júlio Valadares

diz umas vezes que eram 320 escudos, outras que eram 270. Isto, porém, pouca importância material apresenta. A moral é



que é muito grave. Sempre guiados pelo folheto de Miguel Valadares, de onde tiramos todos estes informes, verificámos que o doente era abandonado, sem recursos, no hospital, enquanto o X. B. ia levantando, sucessivamente, do Banco, os cheques que o pai lhe enviava. Alguns desses cheques ainda foram assinados pelo doente, outros apareceram assinados por obra e graça do sr. X. B., com assinaturas falsificadas.

Entretanto, o doente, embora muito combatido, melhorava do tifo, e o X. B., sem se compadecer do seu estado de abatimento, transportou-o novamente para a pensão, obrigando-o a subir um terceiro andar e sujeitando-o aos trambalhões de um *taxi*. Esta transferência fê-lo piorar consideravelmente, e o X. B., no dia seguinte, levava-o ao banco do Hospital de S. José, onde o estudante chegou em estado grave, e de onde o mandaram, por não possuírem cama disponível, para o Hospital de Arroios, sempre como indigente, por falsas informações do amigo, que não queria gastar com ele o que só a ele pertencia.

No Hospital de Arroios, declarou-se a meningite. O X. B., porém, pouco se importou, abalando para Coimbra, levando consigo dois cheques, um de £ 1.187 e outro de £ 9.107.

Em 5 de Agosto, José Júlio Valadares entrou na agonia. Uns amigos preveniram telegraficamente X. B. da gravidade do seu estado. O moribundo não tinha nem dinheiro, nem roupas, pois estas ficaram no Hospital de S. José, quando da sua passagem por ali. Apesar do aviso, o X. B. só chegou à meia noite de 6 para 7. O X. B. queria esquivar-se ao pagamento do enterro... A vida do doente, porém, foi além das previsões do B... Na manhã do dia 7, embora perdido, ainda vivia. O B., nessa ocasião, falsificava os cheques e recebia-os (cerca de 1.200 escudos), e a muito custo, apesar de algumas pessoas saberem que ele recebera aproximadamente um conto e duzentos escudos, cedia trezentos mil réis para o funeral, e nessa mesma tarde abalava para Coimbra, com novecentos escudos no bôlso.

José Júlio Valadares ainda durou até ao dia 10 de Agosto, sendo sepultado a 11.

BREVEMENTE

A Novelá Policial

entregue aos domicílios

BREVEMENTE

OS «CARROS DA MORTE»

(Continuação da página 5)

Um ano depois, numa madrugada, Augusto Gomes estrangulava, dentro do «9297», a atriz Maria Alves. Quando o crime foi revelado, a Cooperativa, para evitar que o público se negasse a utilizar os seus carros, temendo sentar-se nos mesmos estofos onde se cometera o assassinio, resolveu destruí-lo. Mas ficou a chapa da matrícula, a chapa com o n.º 9297... Estava guardada num cubículo da «garage». Uma manhã, o encarregado viu que haviam arrombado a porta do cubículo e que a chapa desaparecera. Quem fôra o ladrão? As suspeitas caíram num môço; êste môço, apertado com perguntas, acabou por confessar que um sujeito muito bem posto, que êle não sabia como se chamava, lhe prometera cem escudos se êle lhe arranjasse a chapa. Mal o rapaz se apoderou dela, correu a levá-la ao ponto combinado: Cais do Sodrê. O sujeito estava espeçado frente a um «auto» de luxo, e, lá dentro, oculta na sombra, havia uma dama, que se mostrou emocionada ao ver o seu companheiro receber a macabra recordação da tragédia da Rua Frei Francisco Foreiro...

Outros «carros da morte»

A morte dessa estranha figura de herói sentimental que era Mousinho de Albuquerque ficou para sempre nas trevas do mistério. Sabe-se apenas que êle, depois de comprar um romance numa livraria, tomou um trem de praça, que mandou bater Avenida acima, e que, pelas alturas de Palhavã, meteu uma bala no crânio. Êsse trem de praça era conduzido pelo cocheiro José Pinto, e tinha o n.º 83. Pouco depois, uma das maiores esperanças do nosso jornalismo, um môço ainda, que ensinou os velhos a fazer reportagens modernas, alucinado, dizem, pela paixão inalcançável que lhe despertára certa atriz estrangeira, alugou um trem de praça e nele se suicidou. Êsse trem tinha o n.º 83, e era conduzido pelo cocheiro José Pinto.

Atingiu o auge do interesse, em França, o enigma trágico da morte de Philippe Daudet, o filho de Leon Daudet. Como já narámos no artigo que o *Reporter X* publicou sobre êste assunto, o neto do autor da *Sapho* apareceu morto no «taxi» do «chauffeur» Bajot, um dos muitos informadores que a Polícia francesa possui entre os «chauffeurs» de «taxis» de Paris. Foi o pequeno anarquista morto pela Polícia nas caves do livreiro que o vendeu e o traiu, como garante o pai e afirmam os avançados, ou suicidou-se dentro do automóvel, como diz Bajot? Mistério! Seja como for, o «taxi» fatídico tem o n.º 929772, ou seja 9297+72=9=0... Mais: em 5 de Novembro de 1922, dois anos antes da morte do pequeno Daudet, e quando o «chauffeur» desse carro era ainda o antecessor de Bajot, um tal Jacques Rington, um casal o tomou, à porta do «cabaret» Lune Russe, mandando-o seguir para a Avenue Frydland. Ao chegar ao seu destino, o homem desaparecera e a mulher... jazia, morta, com um punhal cravado no peito. A assassina foi reconhecida no dia seguinte: era uma atriz, Charlotte Bemur; e o seu assassino, só descoberto três meses depois, o empresário de província, Leon Menieur... Há mais, muito mais, mas o espaço é que falta. Que enorme «garage» seria necessária para reunir todos os «carros da morte»!...

Detective X



O *Detective X*, que Reynaldo Ferreira vai em breve começar a publicar, será o primeiro jornal português de grandes reportagens de crime.

Quer no seu aspecto gráfico, quer no brilho literário com que essas reportagens serão traçadas por «reporters» especializados no género, O *Detective X* igualará as principais publicações estrangeiras da mesma natureza.

Será no nosso país um rival do *Detective* de Paris, do *Kriminal Magazine*, de Berlim, ou do *Detective*, de Varsóvia.

Abordará os mais palpitantes assuntos do mundo inteiro e terá correspondentes especiais em todas as grandes capitais.

O *Detective X* descobrirá os mistérios mais densos, resolverá os enigmas mais blindados, penetrará nos meios mais perigosos, devassará os crimes mais dissimulados e proporcionará por um preço acessível a leitura mais variada e emocionante que possam exigir os seus leitores insaciáveis.

Fixai bem: para o *Detective X* não haverá ségrêdos.

A RAÇA DOS MONSTROS

(Continuação da página 9)

mação duma megera que trazia ao colo um ente disforme, e que o apresentou com sorridente entusiasmo: «Cá está o futuro artista!» O futuro artista era um desgraçado imbecil de 23 anos, com corpo de criança e cabeça de peixe. É o futuro «Homem-Peixe»! Há dois anos que o empresário subvenciona aquela família, para lhe preparar o «número». Todos os dias, durante horas, a cabeça do infeliz é metida num aparelho que lhe está dando, pouco a pouco, o feitiço idealizado. E existe um médico na Hungria que vive exclusivamente de preparar monstros.

Recordam-se do «Homem que ri», de Victor Hugo? Aqueles que se horrorizaram ao ler o descritivo dos «Comprachicos» e que se julgam, orgulhosamente, fóra desses séculos tenebrosos, que quebrem o seu orgulho, porque no século XX ainda existem os «Comprachicos»...

R. X.

Ruína, prisão e loucura

A pessoa que nos escreveu sobre o caso de um falso amigo e defensor que levou um homem à ruína, à prisão e à loucura, rogamos o favor de passar pela nossa redacção, em qualquer dia útil, das 16 às 18 horas, a fim de melhor nos esclarecer.

*

Cinéma sonoro na província

Todos os salões cinematográficos do Norte que desejem fazer a montagem dum aparelho de cinema sonoro de perfeição absoluta e a um preço acessível não devem fazê-lo, no seu próprio interesse, sem pedir esclarecimentos a Ernesto de Balmaçeda (Rua Anselmo Braamcamp, n.º 534, Porto), que lhes serão prestados imediatamente.

*

IMPRENSA

«O Século»

O *Século* publicou um número especial, dedicado à colaboração portuguesa na Exposição Internacional Colonial de Paris. É um repositório de preciosa informação sobre as nossas colónias, escrito em francês e ilustrado com surpreendente bom gosto. Êste número do *Século* honra as artes gráficas portuguesas no estrangeiro.

*

«Revista Portuguesa de Comunicações»

Entrou no segundo ano de publicação a *Revista Portuguesa de Comunicações*, que é dirigida pelo nosso amigo Raul Esteves dos Santos, que lhe tem sabido imprimir uma orientação firme e absolutamente consistente com os interesses nacionais.

Apresentamos-lhe as nossas felicitações.

*

«Diário de Coimbra»

Entrou no terceiro ano da sua publicação o nosso prezado confrade *Diário de Coimbra*. Com os votos por uma longa e próspera vida, endereçamos as nossas felicitações ao seu director e à sua redacção.

Uma situação trágico-cômica de Lindbergh

OS norte-americanos apodam Carlos Lindbergh, o intrépido aviador que atravessou sozinho o Atlântico num maravilhoso voo até Paris, de «guia solitária». E que o coronel Lindbergh não faz discursos.

É preciso cultivar a sua intimidade para que ele se decida a contar alguns incidentes de que a sua vida foi pródiga, quando realizava acrobacias aéreas para uma companhia de circo de aviação.

Hoje que é homem célebre, que casou com uma linda mulher que também já é aviadora, Lindbergh recorda talvez com saúde esses tempos de pessoa ignorada ganhando a sua vida com palhaçadas aéreas como os «Faz-tudo» nos circos ambulantes.

Com outros aviadores ele tinha feito um dia várias exhibições numa pequena cidade do Estado de Colorado. À tarde foi con-



Lindbergh

tratado para realizar alguns voos noutra vila como complemento de uma festa de fogo de artifício.

Ele queria fazer a viagem em avião, mas verificou que não poderia chegar senão de noite. Contou ao empresário as suas apreensões, mostrando-lhe as dificuldades de uma aterrissagem na obscuridade, numa cidade cuja topografia lhe era totalmente desconhecida. O empresário tranqüilizou-o, assegurando-lhe que conhecia o terreno de aterrissagem e, para que o aviador não alimentasse a menor sombra de dúvida, acrescentou:

— É mesmo ao lado do terreno do «golf». Lindbergh não é homem para se assustar facilmente. Partiu com o empresário. Era noite fechada quando pairavam sobre a cidade. Pediu ao empresário que lhe indicasse onde era o terreno de aterragem.

— Já lho disse: perto do campo do «golf».

— Sim, mas onde é o campo do «golf»? O empresário não respondeu. Ao fim de alguns instantes Lindbergh repetiu a pergunta e a resposta causou-lhe um arrepio:

— Esqueci-me.

Todos os que escutavam esta aneddotária da resposta trágico-cômica. Mas o aviador cortou os risos, concluindo muito sério:

— Ainda hoje não compreendo como podemos aterrar.

Um Dreyfus alemão

SE a França e o mundo foram, há 30 anos, electrocutados pela emoção, ao rabiar o célebre escândalo Dreyfus (que ainda hoje vive, apaixonada e se discute



nas letras e no teatro, como um símbolo eterno da injustiça e da crueldade), essa emoção não se desvêla da que faz vibrar agora o povo alemão e a Humanidade culta, ante o angustioso caso de Bullergahn, que há cinco anos é inquisitoriado no pior dos degrêdos e sob a mais ignominiosa das acusações, estando tão inocente como Dreyfus...

«A História é uma velha que repete sempre o mesmo conto...» Assim, há quasi 30 anos, vivia em França um oficial inteligente e honrado, cujo único defeito era não pertencer à mesma religião dos seus camaradas, visto ser hebreu. E isto bastou para que alguns desses camaradas (precisamente aqueles que, em contacto com a espionagem alemã, escamoteavam segredos militares em favor da Alemanha) o acusassem de traidor e o condenassem, embora sabendo-o inocente, ao degrêdo perpétuo nesse inferno terrestre que é a Guyana. E se não fossem alguns Quixotes da Verdade — Zola, com o *J'Accuse*; Treville, no *Droit Civil*, e Mirbeau, no *Liberté* —, que lutaram até ao perigo da própria vida (Zola morria pouco depois... misteriosamente), a inocência de Dreyfus nunca teria sido demonstrada nem os verdadeiros culpados revelados ao público e castigados...

Decorrem anos, e em 1924, os franceses descobrem, nos arredores da fábrica «Berlin-Karlsruhe», um escandaloso e secreto depósito de armamento alemão. O exército e os nacionalistas espumaram de raiva, e logo acusaram de traidor e denunciante um homem inteligente e honrado, de nome Bullergahn, que eles há muito odiavam por causa dos seus ideais de Paz e de Justiça.



Bullergahn

— Nenhuma prova firme se ergue contra Bullergahn; os franceses declaram que não foi ele, mas sim um oficial do exército e campeão do nacionalismo o quem lhes vendera o segredo, por 150.000 francos... Mas o ódio triunfou da evidência, e Bullergahn, como Dreyfus, foi condenado a pena perpétua, no pior dos presídios. Há cinco anos que ele sofre o seu martírio. Há cinco anos que a indignação geral do povo alemão se dilata num clamor tremendo. Por fim, deu-se o inevitável. Hoje é a Alemanha inteira que, revoltada contra esse crime, exige justiça da Justiça, ou seja a liberdade e a reabilitação do inocente! A imprensa de todas as cores, com a excepção única dos nacionalistas, forma coro com o povo. Os intelectuais unem-se na mesma obra generosa! E como a História

se repete sempre, a questão de Bullergahn, tem, como teve a de Dreyfus, o seu Zola e o seu *J'Accuse*. É o grande romancista e jornalista Fritz Loewe quem chefia esse movimento e esse protesto. E já por duas vezes a sua vida perigou... misteriosamente. Conseguirá o povo alemão impôr justiça à Justiça?

O Presidente Hoover conta uma aneddotária

OS grandes homens nem sequer são pessoas de espírito, o que é bastante lamentável. São quasi sempre macambúzios, tristonhos, misantropos. A preocupação dos grandes problemas que se debatem nas suas inteligências torna-os irrascíveis, quasi inacessíveis aos pequenos episódios da vida cotidiana, às vezes tão graciosos, tão impregnados de curiosa e original filosofia.

O sr. Hoover, Presidente da República



Retrato e caricatura de Hoover

dos Estados Unidos da América do Norte, é porém uma excepção a essa regra, esquece por vezes a sua alta investidura presidencial, conta algumas aneddotárias pitorescas. A um jornalista italiano que há pouco tempo o entrevistou sobre os mais graves problemas mundiais, contou ele, com bom humor, entre a citação de graves cifras de empréstimos de guerra e de produção e consumo na América, o seguinte episódio:

— Encontrava-me na Bélgica durante a guerra europeia e tinha necessidade de ir a Londres de quando em quando. Atravessava habitualmente o Canal da Mancha em pequenos barcos holandeses que, pertencendo a uma nação neutra, eram respeitados pelos submarinos e «destroyers» beligerantes. Mas nem sempre podiam evitar as minas flutuantes que vinham do Mar do Norte. Os naufrágios eram frequentes.

«A travessia durava um dia inteiro, de maneira que eu tinha que tomar a bordo o meu pequeno almoço, o almoço e o jantar. Para evitar maçadas e perda de tempo, costumava pagar todas as refeições no fim da travessia, dando ao mesmo tempo a gorgeta. Numa das minhas viagens, antes da entrada da América na guerra, sentei-me à mesa para tomar o pequeno almoço e expliquei ao *maitre d'hôtel* o meu costume de saldar as contas no fim. Ele escutou-me com atenção e hesitou por momentos. Depois decidiu-se a dizer-me: «Compreendo perfeitamente, mas eu preferia que me pagasse cada refeição separadamente... incluindo a gorgeta, se V. Ex.ª a quiser dar. Como sabe, ainda ontem foi um barco ao fundo e todos os passageiros morreram afogados antes do meio dia. V. Ex.ª compreende que nós não nos podemos responsabilizar por esses pagamentos...»

Uma ideia genial

posta em execução por um comerciante, para arranjar fregueses

QUEM, há dias, de manhã, atravessou a Rua do Arsenal, perto do Corpo Santo, deveria reparar, mesmo que fôsse extremamente miope, num grande ajuntamento de pessoas, de variadas profissões, que discutiam acaloradamente qualquer assunto.

É claro que não existe ninguém mais curioso do que os jornalistas. E, assim, aproximando-nos do grupo, indagámos do que se tratava, obtendo a seguinte explicação:

Vindos de Setúbal, tinham desembarcado no Cais do Sodré, dois comerciantes, os quais se deslocaram a Lisboa a fim de tratarem de vários negócios. Calcurriaram todo o santo dia as ruas da cidade, e, estafados de tanto andarem, voltaram ao Cais do Sodré com a ideia fixa de embarcarem novamente para a cidade do Sado.

Como o vapor se demorasse e eles sentissem dentro do estômago um rato a roer, resolveram ir comer qualquer coisa. E se o pensaram, melhor o fizeram, entrando no restaurante *O Paraíso*, onde se come do bom e do melhor por uma bagatela, facto que está causando grandes embaraços aos restantes comerciantes, que vêm as suas casas às mósas e *O Paraíso* replecto de fregueses, os quais não escondem a sua satisfação, não só pela qualidade de acepipes como pelo preço irrisório como ali se come. É que o seu proprietário adopta a divisa de que o ganhar pouco serve para vender muito, o que a maioria dos comerciantes não quer acreditar, nem a martelo.

COISAS QUE TODOS DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, falanças artísticas e mobiliário género antigo

Rua Ivens, 30 a 34
Telefone 2 6064

Segue o teu coração

QUANDO o milionário Effingham chegou ao campo de *golf* do Royal Club e viu tantas mulheres jovens e bonitas, êle, que apesar da sua desmedida gordura é, além de um *gourmet* sem rival, um devoto apreciador do belo sexo, não pôde deixar de exclamar:

— Tanta mulher!

Realmente, nunca na sua vida vira tanta saia junta. Metido nos seus calções escoceses, acercou-se do campo de *golf*, onde vários rapazes e raparigas combinavam o campeonato do dia seguinte, e votou com a maioria em favor da campeã, Lora Moore, uma arrebatadora figurinha de mulher. No *club* eram esperados, chegando pouco depois, entre outros convidados, o professor de *golf* Jerry Downes e Madame Ruth, famosa pela sua beleza e a viuvinha mais perigosa do mundo. Jerry fez-se acompanhar de mais um amigo, Jack Martin, que também tomara parte nas partidas de *golf* do dia seguinte.

Lora, a campeã, logo se sentiu atraída por Jerry, o professor, pela afinidade dos seus gostos. Vão ambos jogar, pedindo-lhe ela algumas lições de *golf*, mas na verdade o que os unia, era uma irresistível simpatia.

Mas Ruth, a viuvinha perigosa, que conhecia Jerry havia mais tempo, notando a simpatia dos jovens, logo pensou perversamente em separá-los e intrigá-los, o que não lhe foi difícil. Dando-se a conhecer ao jovem logo o convidou para beberem juntos um *cock-tail*, deixando a gentil Lora bastante amuada.

Durante a festa, que era costume fazer-se com grande pompa no *club*, na véspera do campeonato, a endiabrada viuva aumentava a rede de intriga, chegando a travar com Lora frases ásperas. Lora, ingénua, está desgostosa e cheia de ciúmes.

Chega finalmente o dia do campeonato. Lora e Jerry estão amuados e todos prevêem que dessa zanga resultará a perda do campeonato para Lora, que, sem o apoio do professor, fracassará com certeza. Uma amiga verdadeira, porém, Angie, a apaixonada de Jack Martin, vai avisar Lora de toda a intriga e vê-se, então, com surpresa, que no momento da jogada decisiva em que a linda rapariga iria perder o seu título, Jerry, reconciliado, lhe presta auxílio, tornando-a vencedora.

Ruth, a perversa viuvinha, não pode conter o seu despeito e assiste, colérica, nessa tarde à partida do automóvel de Jack Martin, que levava mais alguns passageiros: Angie ao lado do seu apaixonado Jack Martin

Se Marrocos se tornasse português?

(Continuação da página 10)

ressuscitar em escolas nacionais (pensava numa universidade marroquina, à semelhança da de Coimbra) a cultura árabe, e colocar os marroquinos a par da mentalidade europeia. Esta perspectiva maravilhosa, que daria aos portugueses o domínio económico e mental de Marrocos, não foi aproveitada. Abd-el-Krim caiu no cativeiro, onde ainda não desanimou de ver a sua terra redimida, e a Espanha e a França, com os seus processos demasiado civilizados de colonizar, têm querido transformar aquela região, tão cheia de carácter, num banal país moderno, sem curar de arrancar do pó dos séculos o que de belo, de deslumbrante, até de moral existe na tradição árabe daqueles povos, que já deram lições ao mundo, que já forneceram à Europa os elementos básicos das ciências exactas e das maravilhas filosóficas e literárias com que ela agora se está esmagando.

Marrocos! Marrocos! Nunca foi para os portugueses senão um grande sonho...

REPORTER MARIO

e Lora e Jerry, enlevados no seu amor ingénuo e puro.

Esta história delicada, esmaltada de incidentes alegres, é um filme delicioso da «Paramount», um *film* colorido que se chama *Segue o teu coração!* e que vai ser exibido nos cinemas portugueses. Apesar de decorrer em torno de incidentes de *golf*, aliás secundários, é perfeitamente compreensível para quem desconheça o pitoresco jogo. Tem este *film* a particularidade de ser colorido, com as mais naturais e delicadas tintas, transformando-o numa deliciosa tela animada. E é desempenhado por Nancy Carrol, maravilhosa artista, Charles Rogers, o simpático galã do célebre *filme* *Azas*, Zelma O'Neil, Jack Haley, Thelma Todd, Eugene Pallette, actores consumados e atrizes que aliam ao seu enorme talento uma formosura sem limites.

Reporter X

Encontra-se à venda em todas as boas tabacarias.

A odisseia sangrenta... de um anel português... na Argentina

Nos «bas-fonds» de Buenos Aires — Um português no Rio de La Plata — O crime... impune do solar de S. Jaime — Um erro judicial.



Rafael Vasquez

ESTE anel está ligado à história de um crime cometido em Portugal — disse-me Rafael Vasquez.

E naquela noite de confidências, em que me desvendou o segredo da exportação dos vinhos do Porto para o país da «lei seca», Rafael disse-me quanto sabia sobre aquela quantiosa jóia e como tinha vindo parar às suas mãos.

Fácil me foi reconstituir o resto do drama. E se só hoje dou aos leitores do *Reporter X* a revelação há muito prometida, é porque factos posteriores trouxeram ao lume da publicidade um célebre crime que com essa inédita revelação se prende, e não quisémos que a acção da justiça deixasse de seguir os seus trâmites.

Começemos pelos informes incompletos de Rafael Vasquez:

— Vai para seis anos, ainda eu dava os primeiros passos, por conta dum alto potentado americano, neste negócio do álcool, que hoje sustenta, diga-se de passagem, muitos milhares de pessoas, apresentaram-me no «Mambú» um estrangeiro que procurava trabalho.

«Era um tipo rude, que tinha ido para a Argentina havia pouco e desembocara naquele «café» internacional, criando conhecimento com alguns párias que por ali vegetam. Buenos Aires sustenta, nos seus «bas-fonds», dedicados aos mais estranhos meios de negociar, uma série infinda de homens suspeitos de todas as raças, alguns fugidos à justiça dos seus países.

«Isto explica-se. A dois passos da minha pátria, fica o Uruguay, país que com nenhuma potência mantém contrao de extradição, e onde os criminosos podem descançar, imunes de cair em poder da Polícia, desde que se portem de forma a não caírem na sua alçada.

«Prometi ao seu compatriota, que não levou para Buenos Aires qualquer recomendação, empregá-lo nos nossos acidentais serviços, mas Lino Vidal — assim se chamava — insistiu comigo:

— «Quería pedir-lhe um favor. Precisava

de empenhar uma jóia de família que trouxe de Portugal. Tenho feito o possível por não a mostrar, porque o seu valor é grande de mais para as condições em que me encontro».

«Foi quando me veio à mão este anel. Lino Vidal foi hospedar-se para a minha pensão, num terceiro andar da «Calle» Uruguay, e iniciou a sua vida, gastando os mil pesos por que a jóia foi empenhada.

«Compreende-se facilmente que não buscasse saber o que havia de verdade na forma como tinha sido explicada a posse daquela jóia.

«E tê-lo-ia ignorado sempre, se não se desse o caso do seu compatriota, atacado de tuberculose, ter morrido uns seis meses depois do nosso encontro.

«Eu tinha regressado duma viagem a Cuba, quando o fui encontrar, na mesma pensão da Rua Uruguay, donde, de resto, pouco tinha saído, procurando trabalho, como que adivinhando que a morte lhe não daria tempo de gastar quanto possuía.

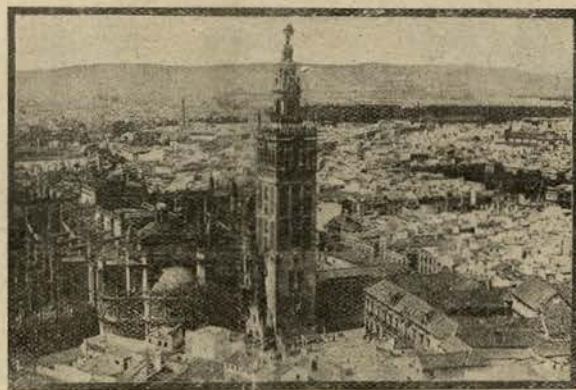
«Quando pressentiu a morte, quis falar-me. Julguei que algumas disposições teria a fazer. Perguntei-lhe se queria alguma coisa para Portugal. Respondeu-me que não. Não tinha família, não tinha ninguém.

«Falei-lhe no anel. Os seus olhos abriram-se desmedidamente. Era, decerto, o anel que o preocupava.

— «Fique com êle. Se um dia puder, desempenhe-o. É seu.»

«Teve um ataque de tosse. Pintalçou, com uma hemoptise, a brancura do lençol com uma papoia de sangue.

«Auxiliei-o a sossegar. Agitei-o. Ficou como morto.



Uma vista de Buenos Aires

«Um momento depois, abriu os olhos de leve. A sua missão neste mundo parecia não estar terminada. Aproximei-me d'êle, a um gesto de que queria falar. A sua voz, a apagar-se, rouquejou:

— «Esse anel é o produto dum crime. Por esse crime sofre, na cadeia, injustamente condenada, uma senhora, lá no meu país.»

«Depois, num protesto: — «Mas eu não matei! Eu não matei!...» — e os nervos, esgotados, não lhe permitiram mais.

«Eis a história, dêste anel...» — terminou Rafael Vasquez.

O dr. Manuel Barros era um destes tipos de canalha internacional, simpáticos, atraentes, aliantes. Falava-me com acuidade, simplicidade, convencimento. Torneámos ambos o velho solar de S. Jaime, onde se havia, anos antes, dado o crime. Chegador junto da escadaria central do edificio, disse-me:

— O cadáver foi lançado do alto das escadas, conduzido depois, através da quinta, até ao muro e, possivelmente dali mesmo, atirado para o lameiro onde foi encontrado. Mais nada. Depois, voltaram tranquilamente para casa, esperando os acontecimentos.

— O doutor insiste, então, em que o crime foi cometido ali dentro e pelas pessoas da casa?

— Evidentemente. É o mais simples critério.

— O mais simples... Mas pode estar longe da verdade...

— Os senhores têm a mania de tudo complicar. Se o meu raciocínio é simples, claro, verosímil, por que havemos de procurar a verdade por linhas tortuosas?...

O critério do dr. Manuel Barros venceu no tribunal. A filha do velho José Teixeira foi, com seu marido, condenada como autora do assassinio de seu pai. A enorme fortuna do velho — que ia sendo malbaratada a pouco e pouco — ia cair em poder dos irmãos da vítima.

Os condenados afirmaram, no entanto, sempre a sua inocência.

Sobre hipóteses, o tribunal condenou. Mais tarde, há quem confesse o crime. E sabe-se que o assassinado trazia um anel do valor de cerca de vinte e cinco contos, que desapareceu. Um dos homens indicados como autores do assassinio emigrou, após o crime, para a Argentina, onde morreu, vítima da tuberculose.

Infelizmente, o crime ainda hoje está envolto em mistério. Um tribunal julga os segundos réus confessos e nega veracidade aos seus depoimentos na Polícia, depois desmentidos no tribunal.

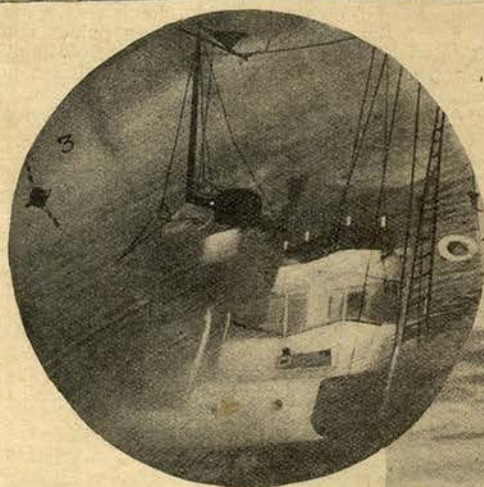
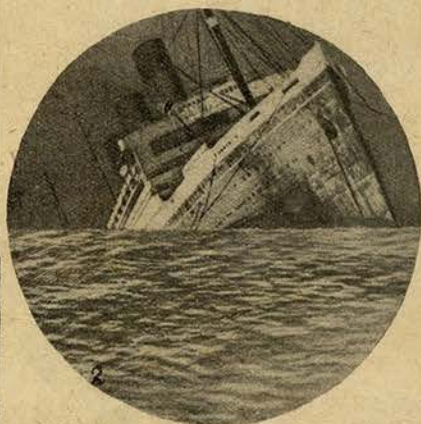
Os condenados do primeiro julgamento continuam a ferros, afirmando a sua inocência. Um d'êles — o genro do assassinado — está quasi louco.

Os jornais noticiam que vai fazer-se a revisão do processo.

As palavras de Lino Vidal, gramofonizadas por Rafael Vasquez, estão ainda nos nossos ouvidos:

— Este anel é o produto dum crime...

As grandes catástrofes marítimas



(1) — Reconhecimento dos cadáveres do "Saint Philibert"; (2) — O momento trágico do "Arisada" emergir no oceano; (3) — Agonia do vapor italiano "Romer"; (4) — Estendal macabro: 500 naufragos!; (5) — "Foto" única: o salvamento dum naufrago, no alto-mar. Após longos e desesperados esforços, um passageiro do "Stela" é recolhido por uma balleira.